

# ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA PERSPECTIVA DE ALGUNS PEDAGOGOS



## **CIBELE CARDOSO DOS SANTOS**

Graduação em Ciências Biológicas - Faculdade Uninove; Graduação em Pedagogia- Faculdade Uninove; Especialista em Magistério do Ensino Superior pela Faculdade PUC-SP. Professora de Ensino Fundamental II - de Ciências na EMEF Rui Bloem.

## **RESUMO**

A alfabetização e o letramento são duas práticas importantes a serem bem desenvolvidas desde a educação infantil, na alfabetização a criança começa a conhecer e memorizar as letras com o passar dos anos o letramento ocupará a função social de ler e escrever, onde se insere a capacidade de compreensão e interpretação. Este artigo tem como principal objetivo apresentar o conceito de alfabetização e letramento na visão de alguns grandes contribuintes para a pedagogia, como: Magda Soares, Paulo Freire, Emília Ferreiro e Jean Piaget. Para isso se realizou uma vasta revisão bibliográfica sobre esses pedagogos e compreendeu-se que alfabetização e letramento são dois ensinamentos indissociáveis, apesar distintos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização; Letramento; Aprendizagem; Ensino.

## **INTRODUÇÃO**

Neste artigo, pretendo discutir dois conceitos ou palavras: letramento e alfabetização na visão de alguns pedagogos. Aparentemente são palavras de uso comum, conhecidas, talvez não letramento, palavra mal entendida ou não bem compreendida no nosso vocabulário.

Os objetivos específicos constam em trabalhar o ensino jesuítico e as ideias de Magda Soares, Paulo Freire, Emília Ferreiro e Jean Piaget a respeito de alfabetização e letramento.

A Justificativa é que os profissionais da educação vêm a cada no se deparando com turma com dificuldades na aprendizagem e onde muitos alunos são classificados erroneamente como analfabetos, por esse motivo torna-se importante estudar os conceitos de alfabetização e letramento para auxiliar na aprendizagem da criança ao invés de rotulá-la.

Antes de ir direto para as definições faz-se interessante conhecer o significado de analfabeto,

analfabetismo, alfabetizar, e alfabetização. Analfabeto é aquele que é privado do alfabeto, aquele que não teve a oportunidade de conhecer o alfabeto, que não sabe ler e escrever. O analfabetismo é um estado, uma condição, um modo de proceder daquele que é analfabeto. Alfabetizar claro, o contrário de tudo isso, significa a ação de ensinar a ler e a escrever e alfabetização é a ação de alfabetizar, de tornar-se alfabeto.

Tendo essas palavras compreendidas agora é hora de discorrer um pouco de letramento. Essa palavra remete a duas: Letrado e iletrado. Pessoa letrada, aquela versada nas letras e a iletrada, aquela pessoa que não tem conhecimentos literários, analfabeta ou quase analfabeta. Mas letramento segundo alguns estudiosos apareceu pela primeira vez no livro de Mary Kato: No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, de 1986, de forma a alertar que a palavra não é como se vê, definia a autora e de maneira apropriada passou a ser usada pelos pedagogos.

Letramento vem da palavra inglesa literacy (condição de ser letrado), aquele tem habilidade de ler e escrever. Em suma significa a pessoa que não apenas sabe ler e escrever, mas tem a capacidade de utilizar essa habilidade em suas práticas sociais, onde consegue ler uma notícia ou um livro e abstrair o seu contexto, preencher um simples formulário, utilizar um índice e por que não escrever o seu doutorado.

## **O MÉTODO DE APRENDIZAGEM JESUÍTICA**

O Brasil foi descoberto em 1500 pelos portugueses e estes quando aqui chegaram encontram no já habitado pelos índios.

Houve assim a necessidade de se estabelecer uma comunicação entre ambas às partes e a partir daí promover a domesticação dos nativos.

Na época o ensino era jesuítico, e o primeiro grupo chegou à colônia brasileira em 1549, quando desembarcou o Governador Geral Tomé de Souza. Era chefiado pelo padre Manuel da Nóbrega que se tornou o primeiro Provincial com fundação da província jesuítica em 1553.

O padre Manuel da Nóbrega e seus companheiros da Companhia de Jesus fundaram na Bahia, em agosto de 1549, a primeira “escola de ler e escrever” brasileira.

Para os jesuítas, de primeiro momento o importante e mais fácil era ensinar as crianças, pois elas já não tinham os vícios dos adultos e era uma página em branco, além de serem muito curiosas em aprender. Nesse sentido os padres pensaram não só um novo método de alfabetizar, como propuseram um currículo baseado na gramática, matemática, humanidades, retórica, filosofia e teologia (NETO & MACIEL, 2008).

O interessante é que os jesuítas observavam o comportamento indígena na questão do ensino e incorporaram uma metodologia pedagógica baseada em elementos lúdicos: jogos, brincadeiras, teatro e a música.

A metodologia jesuíta foi um sucesso e atraiu também os filhos dos colonos para o colégio, os

quais faziam grandes doações para as companhias de Jesus uma vez que os padres nada podiam cobrar pelo ensino.

Com o tempo criou-se uma tensão entre os jesuítas e os colonos, pois os primeiros eram contra a escravização dos índios. Depois a tensão passou ser com a colônia Portuguesa, pois os jesuítas aprenderam o tupi guarani e ensinavam e rezavam na língua local. Um sacrilégio, uma vez que na Europa a missa era rezada em latim.

Em 1759 o marquês de Pompal expulsou os jesuítas e colocou sargentos das milícias militares como professores. O ensino sofreu um grande retrocesso, pois adquiriu um caráter autoritário e militarizado.

Os professores deveriam ensinar apenas a falar o português (mesmo na conversa entre os índios), nada de jogos, músicas e brincadeiras e houve a separação de gêneros: aos meninos deveriam ser ensinados apenas a ler, escrever e contar; enquanto as meninas aprendiam a fiar, a fazer renda e costurar. O ensino por fim acabou sendo elitizado, restrito aqueles que tivessem posses para custeá-lo.

## **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Alfabetizar e Letrar são processos distintos, mas inseparáveis. Alfabetização e letramento se somam, ou melhor, a alfabetização é um componente do letramento. Sendo assim, o ideal é ensinar a ler e escrever de modo que a criança não apenas decodifique as palavras, mas entenda o que lê. A fim de alcançar esse ideal, o professor alfabetizador precisa reconhecer o significado de alfabetização e letramento no processo de ensino e aprendizagem. O importante é que a criança se aproprie da leitura e da escrita, pois vivemos em uma sociedade letrada. Além de codificar e decodificar as palavras, elas devem compreender os usos sociais da escrita.

## **MAGDA SOARES**

Magda Soares, professora emérita da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), é um dos maiores nomes na área de alfabetização e letramento, com ênfase em ensino-aprendizagem. Além de sua inquestionável importância no cenário acadêmico, há 7 anos a especialista atua como consultora da rede municipal de educação da cidade mineira de Lagoa Santa, onde desenvolve um intenso trabalho ligado à formação de professores da rede pública.

Entre seus livros, destacam-se os teóricos Alfabetização e letramento (São Paulo: Contexto, 2004), Português: uma proposta para o letramento (São Paulo: Moderna, 2002), Letramento: um tema em três gêneros (Belo Horizonte: Autêntica, 1998) e o autobiográfico Metamemória, memórias: travessia de uma educadora (São Paulo: Cortez, 1991).

Ao se fazer uma análise de um dos seus livros Alfabetização e letramento pode-se compre-

ender que: LETRAMENTO / DEFINIÇÃO: É uma palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas. É uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.

As palavras letramento e letrar não aparecem nos dicionários atuais, aparecendo apenas em um dicionário do século passado, sendo, portanto caracterizada como antigas.

O termo atual da palavra letramento proveio da palavra LITERACY da língua inglesa, que por sua vez, advém do Latim LITTERA que quer dizer letra.

Segundo essa perspectiva, pode-se dizer que letramento é estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ler se apropriando da leitura e da escrita.

Segundo Magda Soares (2003), a palavra letramento talvez tenha surgido em virtude de não utilizarmos a palavra alfabetismo, enquanto seu contrário, analfabetismo, nos é familiar. Isto é, conhecemos bem e há muito tempo o estado ou condição de analfabeto, mas só recentemente o seu oposto tornou-se necessário, pois passamos a enfrentar uma nova realidade social, onde se faz necessário fazer uso do ler e escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente.

Para a autora, um indivíduo pode não saber ler nem escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser de certa forma, letrado, pois utiliza a leitura e a escrita em práticas sociais.

Modifica-se a ideia de que analfabetos não praticam a leitura e a escrita, uma vez que na concepção do letramento ideológico, mesmo sem serem alfabetizados, os sujeitos podem alcançar níveis de letramento superiores as pessoas com níveis mais altos de escolarização, pois não é apenas a leitura e a escrita, tão enraizada à escola, que desenvolvem tais níveis cognitivos.

Existem outras formas de atividades humanas que podem desenvolver o aspecto cognitivo do homem, como atividades políticas como a militância em partidos políticos, movimentos da sociedade civil, organizações e outras que podem relacionar-se a transformações cognitivas.

A partir dessas ideias expostas no primeiro capítulo de Soares, pode-se concluir que a palavra letramento surgiu devido às transformações sociais em curso e isso acarreta em novas perspectivas, em novas concepções. Assim como se modificou o significado de alfabetizado, modificou-se a concepção de analfabeto, percebeu-se dessa forma, que o letramento ultrapassa a questão do ato de ler e escrever, diz respeito, na verdade ao uso que se faz da leitura e da escrita socialmente.

Em outro artigo de Magda Soares: Letramento é um termo cada vez mais corrente no Brasil. Mas em que difere de alfabetização? Entende-se que, a professora Magda Soares defende que, embora sejam conceitos diferentes, letramento e alfabetização são dois processos que devem ser trabalhados simultaneamente na escola.

Primeiramente, a autora explica que esses dois conceitos apresentam diferenças fundamentais, pois estão relacionados com concepções distintas de ensino de língua.

Letramento aparece sempre ligado à compreensão de leitura e escrita como práticas sociais, que privilegia a visão de língua que usamos a todo instante quando nos comunicamos. Alfabetização está ligada à concepção de escrita como sistema ordenado pelas regras gramaticais, ou mes-

mo de escrita como código, que é preciso decifrar.

A autora afirma que, no Brasil, há um progressivo uso do conceito de letramento para denominar os processos que levam as pessoas a terem um domínio adequado da leitura e da escrita. Como exemplo, ela cita as matérias publicadas na mídia, nas quais se considera que ser alfabetizado é mais do que saber ler e escrever um simples bilhete, condição que até algum tempo tida como satisfatória para tirar uma pessoa da lista dos analfabetos.

Apesar de considerar essas diferenças, a autora defende a indissociabilidade de alfabetização e letramento. Ou seja, a escola deve trabalhar com os dois processos simultaneamente para evitar o fracasso escolar. Não basta apenas alfabetizar, isto é, ensinar os aspectos da língua como código, também é preciso trabalhar a língua em seus usos sociais.

Ela explica que, anteriormente, o fracasso escolar estava relacionado ao fato de a escola privilegiar apenas o processo de alfabetização. O ensino de língua tinha como base a relação entre o sistema fonológico e o gráfico, ou seja, entre os sons que pronunciamos e as letras que usamos para registrar esses sons.

Por outro lado, atualmente, muitas vezes o ensino da língua como sistema fonológico e gráfico é deixado de lado, causando da mesma forma o fracasso escolar, ainda que por motivos diferentes.

## **PAULO FREIRE**

De acordo com José Carlos Maziero (1996), um estudo feito acerca da Influência dos pensadores latino-americanos para a consolidação da Comunicação enquanto ciência, não poderia, de forma alguma, deixar de incluir Paulo Freire como um dos maiores pensadores brasileiros contemporâneos. Esse exímio pensador é reconhecido no mundo inteiro, principalmente no campo da Educação enquanto inovador revolucionário da educação de adultos, nos países em desenvolvimento – sobretudo na América Latina – desde a década de 60 e por sua capacidade de fazer generalizações universais a despeito de sua raiz cultural específica (MAZIEIRO, 1996).

Paulo Freire, pernambucano, nasceu em Recife, no dia 19 de setembro de 1921, no bairro de Casa Amarela. Ficou famoso no Brasil como autor do método Paulo Freire, o qual parte do estudo da realidade do educando e da organização do dado, que é a fala do educador.

Durante o processo de investigação da realidade do educando surgem os temas geradores que, associados aos conteúdos a serem ensinados, resultam numa metodologia dialógica. Para Paulo Freire (1974), cada pessoa envolvida na ação pedagógica dispõe em si própria, ainda que de forma rudimentar, de um conhecimento prévio acerca do que será apreendido. Segundo ele, o importante não é transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida. A transmissão de conteúdos estruturados fora do contexto social do educando é considerada um tipo de invasão cultural ou de educação bancária, na qual o educando só recebe os conhecimentos e não os incorpora em sua prática cotidiana. A educação bancária é antidialógica, que “educa” para a passividade, para a acriticidade, é oposta à educação que pretenda educar para

a autonomia.

Para Freire (1985), o processo de alfabetização caracteriza-se no interior de um projeto político que deve garantir o direito a cada educando de afirmar sua própria voz, pois, segundo o autor, “a alfabetização não é um jogo de palavras; é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos (...) A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra” (p. 14)

Para Freire (1983) a alfabetização é um ato criador, no qual o analfabeto apreende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever, preparando-se para ser o agente desta aprendizagem. E consegue fazê-lo na medida em que a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Segundo o autor a alfabetização compreende o entendimento do que se lê e se escreve. É comunicar-se graficamente, implicando não em uma memorização mecânica das sentenças, das palavras, das sílabas, desvinculadas de um universo existencial, mas uma atitude de criação e recriação. Apesar de não citar o termo letramento, a ideia de Paulo Freire sobre a alfabetização, de algo mais do que apenas a decodificação de signos, demonstra que o autor tem conhecimento de que na atualidade tem havido mudanças no paradigma da alfabetização que indicam que não basta a pessoa dominar a “tecnologia de ler e escrever” (SOARES, 1998), mas que espera-se que ela seja um leitor atento, eficaz, curioso, capaz de interpretar e se transformar através da leitura e da escrita.

Em 1963, Paulo Freire é chamado à Brasília para coordenar, no Ministério da Educação e Cultura, a criação do Programa Nacional de Educação. Com o golpe militar de 1964, todos os seus trabalhos de mobilização popular foram reprimidos. O educador ainda foi acusado de subverter a ordem pelo fato de lutar e defender a necessidade de campanhas de alfabetização, as quais visavam à formação crítica e cidadã dos menos favorecidos socialmente. Em decorrência disso, Paulo Freire foi preso e exilado por mais de 15 anos.

Somente em 1980, Paulo Freire voltou ao Brasil e assumiu cargos de docência na PUC – SP e na Unicamp. Em 1985, morreu sua primeira esposa, Elza Freire. Paulo ficou extremamente depressivo, mas após dois anos de viuvez casou-se com Ana Maria Freire, sua antiga amiga. Paulo Freire nomeou Ana Maria Freire, legalmente, como sua sucessora intelectual e, a partir disso, ela reuniu uma gama de documentos acerca da vida de seu ex-marido e lançou, em 2006, a biografia Paulo Freire: uma história de vida, a qual é nosso objeto de estudo. Entre 1989 e 1991, na gestão de Luíza Erundina (PT), Paulo Freire trabalhou como secretário da Educação da prefeitura de São Paulo. Ele é autor de uma vasta obra traduzida em várias línguas. Dentre os livros mais conhecidos estão a Educação como prática da Liberdade e a Pedagogia do

Oprimido. Em vida, recebeu 39 títulos Doutor Honoris Causa devido a sua grande importância como educador nacional e também, mundial. Em 1997, tanto o Brasil quanto o mundo perdem uma importante figura histórica no cenário da Educação. Paulo Freire morreu em 2 de maio de 1997, em São Paulo, de infarto agudo do miocárdio.

## EMÍLIA FERREIRO

Emília Ferreiro tem suas ideias publicadas a partir dos anos 80. Argentina de nascimento, psicopedagoga de formação, doutorou-se em Genebra, orientada por Jean Piaget.

Seus trabalhos de pesquisas demonstram uma preocupação em integrar os objetivos científicos a um compromisso com a realidade social e cultura da América Latina. Suas análises sobre o fracasso escolar das populações marginalizadas atribuído a um problema social demonstram este compromisso (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

Ferreiro contribuiu significativamente para a compreensão do processo de aprendizagem, demonstrando a existência de mecanismos no sujeito que aprende, mecanismos estes que surgem da interação com a linguagem escrita, e que emergem de uma forma muito particular em cada um dos sujeitos. Assim, as crianças interpretam o ensino que recebem, transformando a escrita convencional e produzindo escritas estranhas ao adulto. São, na verdade do ponto de vista de Ferreiro, aplicações de esquemas de assimilação ao objeto de aprendizagem; são formas de interpretar e compreender o mundo das coisas.

Segundo Emília Ferreiro, a construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, na escola ou fora dela. No processo de aprendizagem a criança passa por etapas com avanços e recuos, até dominar o código linguístico. O tempo para o aluno transpor cada uma das etapas é bem variado. Duas consequências importantes a ser respeitada em sala de aula é respeitar a evolução de cada criança e compreender que o desempenho mais vagaroso não significa que a mesma seja menos inteligente. A aprendizagem não é provocada pela escola, mas pela própria mente das crianças, elas chegam a seu primeiro dia de aula com conhecimento.

O processo inicial é considerado em função da relação entre método utilizado e o estado de maturidade ou de prontidão da criança. As dificuldades que a criança enfrenta, são dificuldades conceituadas a respeito da construção do sistema e pode-se dizer que as crianças reinventam esse sistema. Não é reinventar as letras ou números, mas compreende-se o processo de construção e suas regras de produção.

De acordo com a teoria exposta em *Psicogênese da Língua Escrita*, toda criança passa por quatro fases até sua alfabetização:

pré-silábica: não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada;

silábica: interpreta de sua maneira, atribuindo valor a cada sílaba;

silábico-alfabética: mistura a lógica da fase anterior com a identificação de cada sílaba;

alfabética: domina o valor das letras e sílabas.

O processo de conhecimento da criança deve ser gradual dependendo de sua assimilação e de uma acomodação dos esquemas internos, que necessariamente levam tempo. É por utilizar esse sistema e não repetir o que ouvem, que as crianças interpretam o ensino que recebem. Nada mais revelador do funcionamento da mente de um aluno do que seus supostos erros, porque eviden-

ciam como ele releu o conteúdo aprendido.

## JEAN PIAGET

Jean Piaget é um dos maiores nomes da pedagogia e da educação até hoje, devido aos importantes ensinamentos e teorias que deixou em prol da formação cidadãos mais críticos e criativos. Nascido em 1896, na Suíça, o pesquisador revolucionou o pensamento em relação à educação de crianças ao mostrar que elas não pensam como adultos. Piaget também se especializou em psicologia evolutiva e no estudo de epistemologia genética, o que foi marcante para que seja reconhecido como um dos maiores pensadores do século XX.

Em 1918, então com 22 anos de idade, o jovem Piaget mudou-se para Zurique e deu início ao seu trabalho em clínicas de psicologia e psiquiatria. A partir de 1919, também estudou psicopatologia na França, na Universidade de Sorbonne, e, com isso, adquiriu conhecimento prático na área – e foi nessa época que o cientista conheceu Théodore Simon, nome referencial de Piaget em relação ao estudo do pensamento infantil e da forma de raciocínio própria da criança.

Ainda durante sua estada em Paris, em 1921, Piaget desenvolveu suas primeiras teorias de Pedagogia, que resultaram na publicação de três artigos sobre o raciocínio da criança e o pensamento infantil. Quando realizou seus primeiros estudos em psicologia no Instituto Jean-Jacques Rousseau, o cientista suíço publicou mais cinco artigos sobre o mesmo tema. Dessa forma, tornou-se um dos maiores nomes da área, na época, e passou a ser chamado em congressos e palestras sobre o tema.

Os trabalhos produzidos pelo renomado pesquisador suíço servem como base para explicar muitos elementos da aprendizagem humana.

Jean Piaget dedicou boa parte da sua vida a estudar como o conhecimento se dá no indivíduo desde o seu nascimento.

Também como ele evolui ao longo dos anos e quais saberes são aprimorados com o passar do tempo.

Conceitos como assimilação e acomodação, além de pensamentos mais complexos, como os estágios do desenvolvimento humano e as diferentes fases do amadurecimento da moral, são alguns pontos chave para entender as suas contribuições.

O pesquisador suíço sempre acreditou que o principal objetivo da inteligência é ajudar as pessoas em sua ambientação ao meio em que vivem.

As formas de adaptação têm a ver com atitudes próprias do ser humano, como o surgimento de hábitos e reflexos.

De acordo com os seus conceitos, o desenvolvimento cognitivo do homem tem a ver com o acompanhamento de respostas mais elaboradas ao ambiente.

A partir daí, o ser humano começa a criar insights, ter sacadas para entender e se adaptar ao seu novo universo.

Ou seja, com o passar do tempo, com o conhecimento adquirido e com a maturidade se instaurando, começam a surgir o que o autor chama de manifestações diferenciadas – aquelas que fogem do senso comum, que são próprias e únicas do indivíduo que as praticou.

Usando como método de pesquisa a observação e também o raciocínio lógico, Piaget foi além e começou a estudar como o conhecimento se desenvolve, desde os sinais mais primitivos até os mais sofisticados.

O autor defende que o crescimento intelectual acontece em partes que evoluem pela equibração, como chama o autor. Na prática, trata-se da busca da criança pelo equilíbrio entre o que ela descobre em seu habitat e a sua própria capacidade cognitiva.

Assim, as estruturas mentais, os esquemas e o modo do jovem pensar servem para que ele, desde pequeno, encare e se molde às dificuldades que aparecerem.

Piaget também trabalhava com dois conceitos: assimilação e acomodação, que pode ser explicado através de uma exemplificação.

Com Piaget, ficou claro que as crianças não raciocinam como os adultos e apenas gradualmente se inserem nas regras, valores e símbolos da maturidade psicológica. Essa inserção se dá mediante dois mecanismos: assimilação e acomodação.

O primeiro consiste em incorporar objetos do mundo exterior a esquemas mentais preexistentes. Por exemplo: a criança que tem a ideia mental de uma ave como animal voador, com penas e asas, ao observar um avestruz vai tentar assimilá-lo a um esquema que não corresponde totalmente ao conhecido. Já a acomodação se refere a modificações dos sistemas de assimilação por influência do mundo externo. Assim, depois de aprender que um avestruz não voa, a criança vai adaptar seu conceito "geral" de ave para incluir as que não voam.

Outra pesquisa de Jean Piaget foi sobre os estágios de desenvolvimento da criança até a adolescência, que é o resultado de quatro estágios.

Segundo Piaget, há quatro estágios básicos do desenvolvimento cognitivo. O primeiro é o estágio sensório-motor, que vai até os 2 anos. Nessa fase, as crianças adquirem a capacidade de administrar seus reflexos básicos para que gerem ações prazerosas ou vantajosas. É um período anterior à linguagem, no qual o bebê desenvolve a percepção de si mesmo e dos objetos a sua volta.

O estágio pré-operacional vai dos 2 aos 7 anos e se caracteriza pelo surgimento da capacidade de dominar a linguagem e a representação do mundo por meio de símbolos. A criança continua egocêntrica e ainda não é capaz, moralmente, de se colocar no lugar de outra pessoa.

O estágio das operações concretas, dos 7 aos 11 ou 12 anos, tem como marca a aquisição da noção de reversibilidade das ações. Surge a lógica nos processos mentais e a habilidade de discriminar os objetos por similaridades e diferenças. A criança já pode dominar conceitos de tempo e número.

Por volta dos 12 anos começa o estágio das operações formais. Essa fase marca a entrada na idade adulta, em termos cognitivos. O adolescente passa a ter o domínio do pensamento lógico e dedutivo, o que o habilita à experimentação mental. Isso implica, entre outras coisas, relacionar conceitos abstratos e raciocinar sobre hipóteses.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores citados no corpo do trabalho têm em mente que alfabetização e letramento são dois conceitos ou palavras que apesar de significações diferentes devem andar sempre juntas no processo de ensino aprendizagem, além disso, a criança passa por fases silábicas que anteriormente eram consideradas sem valor algum e hoje através delas o educador analisa em que fase a criança se encontra na alfabetização. Outro processo a ser observado pelo educador são os estágios de desenvolvimento cognitivo que chegam a sua maturidade na adolescência, importante para o pensamento lógico, dedutivo e habilitação para a experimentação mental.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Anna Karolyne Resende Vilar; SILVA, &nbsp;Bruna Gabriela Alves Moreira da; CARLOS, &nbsp;Camila Bragança; SOUTO, &nbsp;Mikaela Ferreira; LIMA, &nbsp;Uiara Diane Costa de. **Orientação Profissional Aplicada à Realidade de uma Escola Periférica no Interior do Norte do Brasil**. Psicologado, [S.I.]. (2019). Disponível em <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/orientacao-profissional-aplicada-a-realidade-de-uma-escola-periferica-no-interior-do-norte-do-brasil>. Acesso em 03 jan. 2023.

ALFERES, Maria Aparecida. **Alfabetização e letramento: Tecendo relações com o pensamento de Paulo Freire**.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi . **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia 13ªed. São Paulo**. Ed. Saraiva. 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 37º ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **The politics of education: culture, power, and liberation**. Westport, CT: Bergin and Garvey, 1985. 209 p.

NETO, Alexandre Shigunov; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. **O ensino jesuítico no período colonial**. Educar, Curitiba, n.31. p.169-189. 2008. Editora: UFPPR

MAZIERO, José Carlos. Paulo Freire: **Um homem do seu tempo**. In: **Comunicação & Sociedade n.25, 1996. p.95-113**.

SOARES, Magda. **Letramento: um em três gêneros**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: As muitas facetas**. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, 2003.